

Boletim regular destacando a energia de boa vontade nas questões mundiais

Editor: *Dominic Dibble*  
[www.worldgoodwill.org](http://www.worldgoodwill.org)

Edição de GEM – Grupo de Estudos Maitreya em português

## DO INTELECTO À INTUIÇÃO — 2ª PARTE

*Neste número*

Intuição, Dinheiro e Serviço

**John Bloom**

Ecologia Empenhada: Uma Prática Intuitiva

**Rhonda Fabian**

Promovendo a Humanidade Una

**Domen Kočevár**

Ensinando a Intuição ao Intelecto nas Escolas de Hoje

**Aïsha Guennoun**

Educação da Alma para a Mudança Social

**Nina Meyerhof**

### Intuição, Dinheiro e Serviço

**John Bloom**

**FALAR DE INTUIÇÃO** é falar de nossa vida espiritual; daquilo que não é físico mas bastante material para toda a humanidade. Existem inúmeras cosmologias que falam sobre este eu intuitivo, mas é essencialmente aquilo que para nós é único, a nossa individualidade, o nosso Eu essencial: o 'eu sou' de quem eu sou. Posso compartilhar a minha intuição e participar numa intuição colectiva, mas sem essa primeira experiência interior do Eu, a partilha não pode surgir.

A vida espiritual tem de ser livre. Quando não é livre, alguém está a dizer-me quem sou e isso não parece bem. Às vezes fazemos isso uns aos outros. A liberdade interior, a liberdade espiritual, tem de ser absolutamente respeitada. Essa é uma lei espiritual capital. Essa é a nossa verticalidade, a nossa rectidão.

E então, de uma forma ou de outra, temos de estar no mundo sabendo que cada pessoa tem a sua própria individualidade. Precisamos de falar uns com os outros e encontrar formas de estar juntos. É assim que criamos acordos. E são os acordos que implicam a vida social.

Dinheiro é um acordo. Todo o dinheiro com o qual trabalhamos representa nada mais do que um acordo. Criámos todo o tipo de diferentes espécies de divisas para fazer trocas, com base num conjunto de acordos. As divisas federais são a modalidade aceite. Elas são bastante convenientes, dado podermos transportar as notas connosco e obtê-las através de máquinas quando viajamos. Mas vivemos com todos os tipos de divisas, por meio das quais fazemos intercâmbios, incluindo as moedas correntes de amor, relacionamentos e reputação. Elas estão sempre a movimentar-se; é a natureza dos acordos que lhes permite movimentar e negociar.

Nenhuma transacção ocorre sem algum acordo e esses acordos são regulados consciente ou inconscientemente pelo princípio de igualdade. Não podemos criar uma regra ou um acordo para outra pessoa. Tentamos criar acordos unilaterais o tempo todo, mas eles nunca grudam. Nenhum acordo é sustentável para indivíduos, organizações ou nações enquanto eles não se reunirem e se encontrarem como iguais, chegando a um acordo que reconheça ambos. Num acordo entre pares, não existe um que seja mais poderoso que o outro. Isso é o que chamaria de termos poder uns *com* os outros em vez de *sobre* os outros. Isso envolve uma mudança de paradigma na natureza do poder e o importante é que isto possa ser incorporado nos acordos que fazemos. É o que o dinheiro representa idealmente.

Contudo, o dinheiro é energia, e eu também argumentaria que é uma medida, uma reserva de valor; permite-nos avançar na vida económica e neste quadro de acordos em torno da valorização. Também não é uma questão singular que o dinheiro nos permita fazer muitas coisas. Podemos comprar coisas, podemos emprestar dinheiro às pessoas, podemos dar dinheiro e o gesto interior de cada um desses tipos de transacções é bastante diferente. Estamos todos treinados a pensar que o dinheiro é apenas acerca de transacções. Vamos ao banco ou multibanco e obtém-se dinheiro: isto é uma transacção. Nem mesmo se tem de falar com alguém. Mas não se emprestaria dinheiro a alguém sem algum tipo de conversa ou de acordo. Há uma relação mútua inerente e programada na função de empréstimo à volta de dinheiro que é bastante diferente do que, digamos, uma compra ou uma ida ao multibanco.

Depois, há toda a questão da dívida de dinheiro, como é feita e o que leva a isso. Na minha ideia, esse é um lugar onde a intuição pode surgir no mundo do acordo, porque intuimos quem pode fazer melhor uso do dinheiro do qual não necessitamos. É aí que está a prenda. Ela também envolve uma imaginação de alguém a cumprir o seu caminho de destino, fazendo algo determinado pela sua ideia. Mas, ao dar, também estou a completar algo do meu caminho de destino, porque reconheço isso noutra pessoa. É aí que a intuição aparece em relação às dívidas, permitindo o movimento da dívida. Ainda há um acordo, mesmo quando o doador diz não haver restrições. É o acordo que permite a transacção acontecer, mas não há limites de tempo em torno dele.

"Tempo é dinheiro". Isso leva à questão de serviço, que é para mim um conceito extremamente importante na economia. Serviço significa termos uma capacidade interior para reconhecer as necessidades dos outros. Por que se serviria alguém se não se lhe reconhecessem necessidades? Alguém tem uma necessidade que apela a uma certa força altruísta em nós, que não é realmente sobre a nossa individualidade, embora ela esteja informada disso. Não preciso de um acordo para reconhecer a necessidade de outra pessoa. Posso simplesmente fazê-lo. É uma função de estar desperto para o que chamo a interdependência compassiva. É um despertar para o facto de dependermos realmente uns dos outros e, se não atentarmos uns aos outros, não vamos satisfazer as necessidades de outrem. Sem interdependência compassiva, iríamos parar a um ponto muito anti-social, onde dinheiro e poder apenas seriam usados para cuidar de nós próprios. Isso significaria retirar-se do sistema energético. O interesse próprio também é um mito porque somos absolutamente dependentes dos outros para alcançar o que precisamos de fazer. É uma grande mentira dizer que só se cuida de si mesmo e apenas se trabalha para si próprio. Se fosse o caso, ninguém estaria sentado aqui nesta sala de conferências, não haveria cadeiras, nem casacos para vestir, nem avião para eu voar até aqui. Ainda não desmascarámos esse mito, porque dinheiro e economia ainda são medidos pela acumulação em vez da circulação. É a circulação que demonstra interdependência.

Há três domínios aqui: intuição, que é espiritual e o trabalho de cada indivíduo; dinheiro, que são acordos; e depois o mundo inteiro de serviço que é o estar desperto

para as necessidades dos outros. Espera-se existir uma maneira de satisfazer as necessidades dos outros, eles satisfarão as minhas, portanto estamos num relacionamento circulatório e recíproco. Essa é uma imagem tríplice do modo como estamos no mundo. O desafio é: como integro acordos com o meu eu espiritual livre e a minha percepção altruísta, centrada no coração, das necessidades dos outros? A dificuldade existe porque tendemos a tratar os três domínios como entidades completamente separadas. Tome-se por exemplo o domínio do dinheiro. Muitas vezes experimentamos uma qualidade visionária quando consideramos as coisas que podem ser feitas para o mundo com ou sem fins lucrativos. Mas quando pensamos no dinheiro envolvido, esta abundância é muitas vezes substituída por escassez, a força oponente de 'nunca é suficiente'. Como estabelecemos uma relação diferente com o dinheiro que liberte tanto o serviço como a intuição? Os três domínios estão relacionados entre si e são partes de um todo. Intermedeiam-se uns aos outros. Em muitos aspectos, a liberdade é um mediador entre reconhecer as necessidades dos outros e os nossos acordos. Somos sempre livres de renegociar um acordo, mas não somos livres para fazer o que quisermos depois de um acordo ter sido estabelecido.

Espera-se que estes pensamentos encorajarão uma consciência mais profunda de uma espécie de todo em relação à intuição, dinheiro e serviço, e despertarão um reconhecimento de não estarem separados. Enquanto os princípios mudam em cada domínio, todos permanecemos como seres humanos e queremos trazer o melhor de nós mesmos em cada um desses domínios. Estamos constantemente a criar acordos, não porque eu seja mais espiritual do que outrem, mas porque somos criados iguais como seres humanos e estamos no mundo de serviço. A tarefa verdadeira é compreender as carências no mundo que são verdadeiramente necessárias e como o meu serviço pode satisfazer tais necessidades. Assim, em alguns sentidos, a intuição está ao serviço do dinheiro, o dinheiro está ao serviço do serviço e o serviço está ao serviço da intuição; eles informam uns aos outros e fazem parte de um sistema integral.

*John Bloom é Vice-Presidente de Cultura Organizacional da RSF Social Finance (anteriormente Rudolf Steiner Foundation), uma organização de serviços financeiros que oferece investimento, empréstimo e prestação de serviços àqueles que estão comprometidos com a melhoria da sociedade e do meio ambiente. Desde 1984, a RSF utilizou mais de 450 milhões de dólares americanos em empréstimos, subsídios e investimentos. John foi recentemente nomeado Secretário-Geral da Sociedade Antroposófica na América.*



## Ecologia Empenhada: Uma Prática Intuitiva

Rhonda Fabian

**COMPILEI RECENTEMENTE** algumas das boas ideias dos meus professores num conjunto de sete princípios e práticas a que chamei de "Ecologia Empenhada". Uso a palavra 'Empenhada' para expressar uma Ecologia que ultrapassa os conceitos intelectuais, indo até à transformação real e à prática profunda – formas de ser, de pensar e de agir, que nos restauram e aos nossos relacionamentos mais básicos. Proponho a transformação como um processo intuitivo.

Uma Ecologia Empenhada é um conjunto de valores e instruções derivados da Natureza, que nos podem conduzir de volta à harmonia e restaurar o relacionamento fundamental com a Terra. Vou explorar os três primeiros princípios – os mais simples; os mais próximos do corpo.

Começamos com o Princípio 1 – o desígnio brilhante da Natureza é abrangente.

Somos certamente Natureza. Basta olhar-se profundamente para a própria mão, com os próprios olhos, para concluir que somos uma maravilha da Natureza, uma confluência de condições e energias que tornam possível 'ter mão' e 'ter olhos'. Se se olhar de forma suficientemente profunda, ver-se-ão o Sol, os rios, os nutrientes no solo que alimentaram a nossa própria existência até ao momento presente. Durante milhares de milhões de anos, a Terra tem sustentado a vida – e continuará a fazê-lo, connosco ou sem nós. Do mesmo modo que nos levantamos de manhã e adormecemos à noite – assim também nações e impérios se elevam e caem – galáxias inteiras e inúmeros mundos manifestam-se e desaparecem da vista. Esta ideia não nos deve fazer sentir insignificantes, mas antes milagrosamente especiais. Estamos presentes – absolutamente preciosos e únicos – no aqui e agora – uma nota ornamental na sinfonia da realidade.

Então, a nossa Prática é cultivar a consciência da nossa existência essencial – a nossa Natureza verdadeira. E para o fazer, temos primeiro de parar. Parar de correr e perseguir, parar de planear e até parar de intelectualizar. A consciência não pode ocorrer sem paragem. Na minha prática, parar começa sempre com o retorno à respiração. A respiração é o dom precioso da Vida – connosco desde o momento de nascimento até ao último suspiro de morte. Colocar a atenção na respiração silenciosa enquanto sentados sem distração, mesmo que só para algumas respirações todos os dias, é uma maneira segura de voltar ao nosso eu verdadeiro.

Tenho a certeza de que muitos de vós têm uma prática de meditação. Encorajo-vos a acrescentarem meditação respiratória, se não faz parte da vossa vida diária.

Como disse o filósofo Sri Aurobindo: 'O que é... necessário para a apreciação da verdade mais profunda da beleza é o despertar de uma certa visão, uma percepção e uma resposta intuitiva na alma.' Apanhar Sol por alguns momentos, ou mesmo beber um copo de água, pode trazer grande alegria quando praticados desta forma. Só parando e consciencializando-se das maravilhas da vida podemos realmente despertar – 'ver com a alma' e ouvir com o coração – a essência da intuição.

O segundo princípio é: a Natureza adapta-se e auto regula-se – ajustando-se continuamente às condições de mudança.

Como um rio, também devemos estar abertos a aprender e a mudar. Num estudo do Cosmos, que realizei com meu colega da Escola Annenberg doutor Jen Horner, surgiu-nos a ideia de estar a mudar o trabalho de grupo, tornando-se mais improvisado. O que significa isso?

Isso significa que fazemos o caminho caminhando. Da mesma forma que a corrente e a margem do rio são inseparáveis como um acto de co-criação – nós, como trabalhadores grupais, estamos a tornar-nos mais intuitivos, ajustando-nos continuamente a obstáculos e novas condições. Improviso e intuição estão intimamente ligados. Cada um é uma conversação. Para algo acontecer, temos de escutar. É necessário autodomínio e autocontrolo para melhorar o ser belo – pense-se no músico de jazz virtuoso ou no dançarino de ballet. Eles têm de ser bons no que fazem. Surge em seguida a consciência dos intervenientes mais próximos de nós e a forma como em conjunto geramos energia em tempo real. E deve haver por fim um sentido intuitivo de todos os membros do todo – o propósito maior – para onde nos dirigimos.

Exercitando este nível de abertura e flexibilidade nos pontos de vista, beneficiamos da sabedoria e criatividade dos outros, prestando atenção especial às vozes dos marginalizados, dos indígenas, dos tímidos, dos introvertidos.

Assim podemos ter fortes opiniões sobre o que pensamos que os outros devem fazer, porém são desvendadas uma percepção e uma beleza mais acentuadas através da prática de escuta e autocontrolo profundos, avançando como um rio. Muitas organizações e grupos falham porque alguns membros não fizeram o trabalho interior de domi-

nar o ego e as emoções fortes. Sentem que têm todos os factos. Acumular factos não é sabedoria. O que pensamos saber está sujeito à mudança e ninguém tem todas as respostas.

Princípio 3 – A Natureza expressa o potencial inato.

Prática – Desenvolvendo empatia por todas as formas de vida.

Todas as coisas vivas estão empenhadas no processo de desenvolver o seu potencial inato. Comprometemo-nos em reconhecer e encorajar o potencial de todos os seres, desde as menores formas de vida até às pessoas, ecossistemas e à Terra como um todo. Em pensamento, ou nas acções e modo de vida, não apoiaremos actos que matem ou destruam a vida. Examinaremos o impacto que temos sobre os animais não humanos e faremos um esforço para reduzir o seu sofrimento. A agricultura industrial, os testes com animais, o uso de animais para entretenimento público e a caça de animais ameaçados, todos causam grande sofrimento.

Toda a vida tem valor em si mesma, não dependendo desse valor da utilidade para os humanos. Devemos trabalhar para mudar a visão de que os humanos são superiores a outras formas de vida na Terra e proteger a diversidade.

Podemos praticar olhando profundamente para os alimentos, roupa e outros produtos que consumimos e optar por não comprá-los ou usá-los se eles ‘contiverem’ o sofrimento desnecessário de pessoas ou animais. Podemos escolher produtos locais e manufacturados, Comércio Justo e produtos humanos, e viver simplesmente com menos.

Mais uma vez, a intuição desempenha um papel importante nas escolhas que fazemos. Digamos que estou a tentar economizar água ao tomar um duche mais curto. Mas, o uso residencial da água é literalmente uma gota no balde comparado com as práticas esbanjadoras da indústria e agricultura. São enganosas... punitivas muitas das práticas ‘verdes’ que nos pedem para adoptar. A culpa é sua se estivermos a ficar sem água.

Este é um tipo de má direcção do sistema da chamada Economia Verde. Não devemos confundir actos de sacrifício pessoal com activismo político organizado. As pessoas estão a morrer porque a água está a ser roubada, desviada, manchada e mercantilizada. Se estivermos a par da acção na reserva Sioux de Standing Rock, sabemos que, mesmo agora, os nossos irmãos e irmãs estão a sofrer dificuldades para proteger as nossas águas.

E o facto doloroso é que, mesmo se todos nós nos submetêssemos a ciclos para trabalhar e usar fogões a lenha, isso teria um impacto insignificante sobre o aquecimento global e a poluição.

Então, porque nos incomodamos em mudar os hábitos de consumo? Para quê tomar um duche mais curto? Sabemos a resposta intuitivamente. Fazemos isso como um acto de solidariedade em oração para quem tem menos e como um acto de respeito pela Terra. Para além do nosso amor pela Terra.

David Whyte diz: "Os seres humanos têm uma capacidade intuitiva e conhecimento de existir algures no centro da vida algo inefável e inalteravelmente certo e bom".

É este o espírito de Boa Vontade – se escutarmos, guia-nos. Como a Lua através da escuridão. Possa ele guiar-nos para trabalhar em estreita colaboração com os outros e procurarmos persistentemente formas de proteger as vidas das pessoas, plantas e animais, minerais, ecossistemas e bacias hidrográficas – mesmo que isso signifique risco para nós mesmos.

*Rhonda Fabian, editor digital do Kosmos Journal, é escritora, cineasta, CEO e co-fundadora da empresa de media educacional Fabian Baber Communications. Rhonda é ordenada na tradição monástica de seu professor, mestre zen Thich Nhat Hanh.*



# Promovendo a Humanidade Una

**Domen Kočevar**

**A HUMANIDADE É UMA FAMÍLIA** de 7 mil milhões de seres humanos. Sete mil milhões de pessoas, cada uma na busca da felicidade como principal motivação na vida. Cada um apenas quer ser feliz. Os problemas surgem com ter ou não o que queremos, ou quando o meu sentimento de felicidade exclui o seu sentimento de felicidade. Estes problemas trazem dor e todos os outros vários sentimentos indesejados.

Os breves sutra de yoga de Patanjali, uma jóia da filosofia hindu, sintetizaram isso na descrição dos 5 KLESHAS, ou obstáculos à experiência de união. "A falta de percepção da Realidade, o sentido de egoísmo ou de 'Eu sou', atracções e repulsões em relação a objectos e o forte desejo de vida são as grandes provações ou causas de todas as misérias de vida". \* Se conhecêssemos o nosso verdadeiro estado de ser, se soubéssemos quem realmente somos, todos os problemas teriam desaparecido.

A consciência identifica-se com a matéria com a qual se envolve. Ela desce à matéria, num caminho involutivo, até ao ponto de viragem. A ascensão evolutiva em direcção à alma e depois para o espírito, se usarmos estes termos, é o caminho de libertação dos obstáculos até à união, para que o apego de avidya (ignorância) fique cada vez menos firme. O resultado é a alteração da nossa identificação. As identificações tornam-se mais subtis e mais difíceis de detectar e de ver.

A história da descida e ascensão do ser humano tem sido descrita tantas vezes com tantas palavras ao longo da História que agora está mais clara nas mentes de quem estuda o caminho. Muitas pessoas sabem muito. E estão também a ocorrer percepções mais profundas, onde o conhecimento está a ser transformado em saber e acção firme.

Muitas pessoas estão a falar de humanidade una, unicidade, conexão de todos. No último ano, quando comecei a pensar seriamente em fazer um doutoramento sobre este tema, vi o grande número de pessoas a tocar o mesmo coração da humanidade. A ciência está a revelar imensos exemplos concretos de pesquisa que estão a mostrar o facto inevitável de sermos um.

Creio que a humanidade não está muito longe de um salto colectivo para o nível de vivência básica das qualidades da alma. Os sutra de Patanjali descrevem os passos necessários para ultrapassar os obstáculos ou KLESHAS para percepção da união e os indivíduos têm dado estes passos no passado e ainda o fazem. Porém, agora o campo colectivo está tão carregado que em breve começará a transbordar e nos surpreenderá onde não é esperado.

O caminho para a vivência consciente como uma grande e dedicada família humana está cada vez mais sintonizado com o Amor Uno, Mente Una e Vontade Una. A minha observação do mundo é que imensos indivíduos estão muito próximos da sintonia suficiente para não conseguirem fazer dano algum uns aos outros, começarem mesmo a ser solidários e a ajudar-se activamente uns aos outros... tão próximos. É como uma taça cheia de água em que cada gota nova a faça transbordar. Será um processo irreversível logo que comece a fluir. É tão forte o conhecimento interior de similitude, de partilhar os mesmos sonhos, receios e dores. Também é fácil ver que o oposto está a acontecer: que há uma subcorrente a tentar parar o salto quântico. Mas acredito que os extremos que estamos a ver no mundo estão a anunciar a força da corrente subterrânea do movimento do Bem, da BOA VONTADE de Todos.

Juntamente com amigos, Nina Meyerhof e eu estamos a trabalhar num projecto em Auschwitz. Esta é a expressão do mal mais horrenda e condensada da História. O

---

\* I. K. Taimni, *The Science of Yoga: The Yoga Sutras of Patanjali (A Ciência do Yoga: Os Sutra de Yoga de Patanjali)*, Secção II, Sutra 3, p. 130

projecto está focado na forma de avançar daí para um futuro onde algo semelhante seja impossível. Sabemos que hoje estão a acontecer no mundo coisas semelhantes a Auschwitz. Como transcender a possibilidade de ser capaz de fazer ao outro algo tão ruim? Não é importante quem é o opressor e quem é a vítima. Para mim é sempre a questão: COMO SÃO POSSÍVEIS ESTES ACTOS TÃO HORRENDOS? Isto deveria vibrar em cada um de nós e impelir-nos para acções que sabemos serem correctas. É ousado dizer que não importa quem é o vilão e quem é a vítima. Sendo vítima, podem imaginar o poder de perdão necessário para olhar para algo como Auschwitz? E o mesmo se for o vilão que compreende o resultado de suas acções. O sentimento de culpa está a arruinar muitos.

Presentemente, às vezes, ao ver a violência a acontecer no mundo, tento identificar-me com o homem no tanque que está a disparar contra outros seres humanos. Como pode ele fazer isso? (Sim, é Ele sobretudo). Entendo o processo de comando, o ódio decorrente da dor, o processo de defesa e, em seguida, a utilização da oportunidade... Posso ver facilmente como isso é possível quando a natureza humana está desligada do todo.

Mas também posso ver a mudança simples que pode acontecer quando alguém se identifica com o Outro e se vê no outro. Vê a mãe do outro e vê-se a si mesmo. Vê os filhos do outro e vê os seus. Quando vê o sorriso mais simples de uma mulher que ama, pensa na tristeza de não voltar para casa. Essas pequenas conexões podem "envenenar" a consciência ao conhecer o todo. E o "campo" está realmente a ficar cheio de informações sobre a nossa interligação. Desde contribuições totalmente científicas até conhecimento totalmente prático da Unidade e Similitude de todos. O exterior está a alcançar o interior e o interior está a tentar sair ainda mais. Os pontos de contacto estão a acontecer nos seres humanos em todo o mundo.

Tocar o coração da Humanidade Una é conhecer a importância de todas as cores no mundo. É saber que cada alma é diferente mas conhecendo a Unidade de todos. Isso reconhece a importância de cada um, cada um com os seus dons e mensagem.

A mudança geral acontece quando o ponto de vista de raiz se altera – tudo se adapta a isso. Estou convicto que a Humanidade Una, a fraternidade de todos, está mais próxima do que se pode imaginar. A taça do saber está a encher rapidamente com os factos da Vida Una e os povos responderão em conformidade.

*Domen Kočevár é conferencista, escritor e representante da biblioteca teosófica de Alma M. Karlin, Celje, Eslovénia*



## Ensinando a Intuição ao Intelecto nas Escolas de Hoje

**Aïsha Guennoun**

**ALICE BAILEY** escreveu: "A natureza e significado verdadeiro da meditação, assim como o seu uso em grande escala no Ocidente... podem suplantar definitivamente os métodos actuais de treino de memória e provar serem um factor poderoso no método educacional moderno". Como pode a intuição ser uma ferramenta de ensino nas escolas de hoje? O que podemos fazer hoje para promover, nas escolas de amanhã, uma educação mais focada no seu desenvolvimento? O desafio agora é educar o intelecto para se tornar mais receptivo à intuição.

### Terminologia

O intelecto é a mente concreta que recebe, recolhe e analisa o conhecimento para aplicá-lo, por exemplo, aprendendo a contar ou usar a aritmética mental para fazer

compras. Quanto mais avançamos nos estudos, mais refinamos o uso do intelecto pela reflexão sobre temas específicos. Tocamos a fronteira da mente abstracta, o reino de ideias universais, quando usamos o intelecto para reflectir sobre aspectos globais ou noções abstractas. Contudo, é importante reconhecer que o intelecto é agora tão altamente cultivado na sociedade que reprime a acção da intuição.

Na *Filosofia de A a Z*, afirma-se que "toda a intuição tem a natureza da descoberta de um objecto, de uma nova ideia". Evocamos a "natureza divina da intuição".<sup>1</sup> Ela aproxima-nos da compreensão do coração. No processo é validada uma "verdade" que vibra e se harmoniza com o nosso ser interior para podermos vivê-la mais plenamente. É a ligação entre o mundo "real" interior e o ambiente diário do mundo terreno, permitindo a passagem do mundo invisível para o visível.

### **Porquê "ensinar a intuição"?**

O aluno é mais receptivo ao mundo do conhecimento quando aprende com o coração ou pelo coração. A visualização criativa grupal é uma ferramenta de ensino que estimula o despertar da intuição em jovens e adultos. O professor não só transmite conhecimento aos alunos, mas realiza com êxito um projecto educativo em colaboração com os alunos. Eles tornam-se então responsáveis dentro de uma sala de aula. Para os alunos, visualizar e imaginar criativamente é criar uma nova substância mental no mundo de hoje. É esta substância, este suporte de pensamento, que lhes permite construir em conjunto o mundo de amanhã.

Ensinar "me = Nos" ajuda a estabelecer uma atmosfera criativa na turma: os alunos sentem-se sintonizados na mesma frequência durante as aulas, como se estivessem no mesmo comprimento de onda. As diferenças já não são vistas como discordâncias, mas como um enriquecimento do grupo da turma. Nas novas escolas de hoje, ensinamos trabalho, cooperação e colaboração como um grupo. Vários movimentos educacionais alternativos<sup>2</sup> estão a estabelecer este método de aprender em conjunto de forma criativa. A educação Steiner promove e implementa o jogo criativo: jogos com "material não estruturado para desenvolver a imaginação".<sup>3</sup> O método Montessori usa uma abordagem mais sofisticada que respeita o ritmo do despertar e da aprendizagem de cada criança.

### **O Ensino da Intuição, no Presente**

No mundo da educação inicial, os termos *espiritual* e *intuição* não implicam uma educação mística, mas uma educação na não-separatividade (daí o trabalho grupal). Isso reflecte-se nos valores universais, que encontramos por exemplo na educação cívica ou na cidadania, no programa de educação nacional em França e no despertar de criatividade essencial (o interior é expresso exteriormente) sem impor um enquadramento rígido de expressão artística. A liberdade criativa é promovida através de uma técnica artística renovada e repetida para que os alunos possam refinar a expressão individual.

### **O Exemplo Finlandês**

Mas a intuição é também a arte de construir pontes entre o presente e o futuro. Na escolaridade entre os 6 e os 16 anos, a Finlândia é um exemplo de uma síntese da educação tradicional com as de Steiner e Montessori, adaptando-se às necessidades dos jovens. Ao ensinar o prático e o intelectual, as crianças são incentivadas a seguir o caminho por elas escolhido.

### **Faixas Etárias**

Na *Educação na Nova Era*<sup>4</sup>, vemos que crianças de diferentes faixas etárias estão polarizadas num corpo ou noutro. Durante os "primeiros dez anos", as crianças são



ensinadas a "lidar inteligentemente com a informação que chega... ao cérebro através dos cinco sentidos". Isso requer ensinar a criança a "responder a impulsos criativos para elaborar e produzir o que vê e ouve". Há um foco em artes e ofícios, desenho e música. Depois, após os onze anos de idade, a mente torna-se dominante nas crianças. O adolescente aprende a "racionalizar os impulsos emocionais e de desejo e discriminar o certo do errado", por exemplo na História e na educação cívica. Assim, apura o sentido de valores. Alice Bailey sugere que "o estudo da psicologia" e "a natureza da alma" sejam adicionados ao currículo aos dezassete anos de idade. A meditação poderia então ser ensinada a partir dos dezoito anos como "pensamento profundo" em assuntos como matemática, ciências e vida na Terra, porque iria promover a capacidade de "focalizar e intuir".<sup>5</sup>

### Arte e Intuição

De acordo com Steiner, a rotina escolar é uma questão importante que afecta o desenvolvimento de jovens estudantes. A fadiga deve ser evitada dando uma forma artística ao ensino. É o sentido artístico onde "Entre o eu e o corpo físico estão os corpos astral e o etérico". Cultiva nas crianças um sentido de bondade para poderem "sentir, experimentar a beleza... neste domínio, é na idade escolar que são mais receptivas".<sup>6</sup> Marie-Laure Viaud escreve que, no campo da criação artística, o homem aprende a moldar a matéria para ela poder revelar uma realidade espiritual. Para expressá-la artisticamente, o jovem estudante deve primeiro ser capaz de viver essa realidade interiormente. A criação artística não pode ser feita sem um "aprofundamento da vida interior".<sup>7</sup> Na verdade, segundo Paul Klee, a arte torna visível o invisível.

8

Em si, o ensino da intuição é uma arte. No domínio da intuição, o aluno deve ser orientado para usar a imaginação criativa: "a fonte da arte é a imaginação criativa que capta o espiritual trazendo-o do mundo invisível para o mundo visível".<sup>9</sup> Nas escolas actuais, desenvolvemos a aprendizagem do conhecimento, mas muitas vezes deixamos de lado a arte ou a imaginação criativa. Isso pode retardar ou mesmo paralisar o desenvolvimento e a expressão da intuição.

No século XXI, despertados para a "virtualização" de imagens, os jovens estão mais em sintonia com a capacidade de visualizar. Estas são as gerações que crescem, geralmente, em frente da televisão ou de ecrãs de computador, em especial no Ocidente. Na adolescência, os jovens funcionam com este modelo mental e virtual da representação do mundo. O professor ou educador deve despertar a intuição, religando a criança às imagens interiores mais do que às imagens exteriores de ecrãs.

### Vontade Criativa e Intuição: um Esforço de Boa Vontade

Para o adolescente, criado e alimentado pela televisão e imagens digitais, imaginar "por conta própria", pode constituir um esforço de vontade. Além disso, uma "educação que se concentra na transmissão de conhecimento reprime outras áreas da vida da alma por causa da natureza impessoal das imagens que transmite. Pelo uso da vontade, a alma fica activa de dentro de si mesma".<sup>10</sup>

Welleck define este fenómeno como a vontade por "intenção"<sup>11</sup> ou a direcção de pensamento. Ao usar a vontade para criar imagens fazemos um esforço para imaginar formas na substância mental, o mais precisamente possível, e para estabilizá-las de modo a não se tornarem fugazes: "as imagens mentais podem ser conduzidas e dirigidas deliberadamente e não de forma descontrolada".<sup>12</sup>

*Aïsha Guennoun é professora em França e colaboradora da Boa Vontade Mundial e da sede da Lucis Trust em Genebra.*

1. *La philosophie de A à Z (A filosofia de A à Z)*, Hatier, ver "intuição".

2. *Montessori, Freinet, Steiner, une école différente pour mon enfant (uma escola diferente para o meu filho)?* por Marie-Laure Viaud, ed. Nathan, Paris 2008

3. *ibid.*
4. *Education in the New Age (Educação na Nova Era)*, Alice A. Bailey, p. 9
5. *ibid.*
6. In *Bases de la pédagogie (Bases da pedagogia)*, ed. Anthroposophiques Romandes, 1988; (p. 351)
7. *ibid.*
8. *Montessori, Freinet, Steiner*, p. 252
9. *ibid.*, p. 30
10. *L'enfant endevenir (A criança em mudança)*, Ernst-Michael Kranich, ed. Triades, 2000, *Bélgica*, p. 33
11. *Die Polarität im Aufbau des Charakters (A estrutura polarizada do carácter)*, Berna 1950, *trabalho citado em L'enfant endevenir*, p. 33
12. *ibid.*, p. 34



## Educação da Alma para a Mudança Social

**Nina Meyerhof**

**SE QUISERMOS MUDAR** os comportamentos para alcançar a uniformidade e a conexão, então o sistema educacional também deve ser alterado. Os sistemas precisam de reflectir a compreensão mais profunda do que significa ser humano e viver numa época em que a essência de uma sociedade global é verdadeiramente a interligação de todas as intenções e acções. A necessidade de educação moral e o potencial crescente da voz habilitada de indivíduos têm estado num processo de evolução. Aprofundar isto é saber que o próximo modelo educacional relevante é educar para explorar a consciência superior e traduzir a experiência em acções sociais para a harmonia global exterior. Devemos liderar com os corações, usar as mentes para aprofundar a compreensão de como o universo funciona e, depois, aprender a comportarmo-nos como uma família una da humanidade.

As escolas actuais são institucionalizadas por normas e regulamentos. Tendem a sustentar uma visão mecanicista e manter o *status quo*. O foco está em informação transferível. Estão lentamente a tomar consciência da necessidade de alterar o seu objectivo, mas estão relutantes em mudar, sendo obrigadas a produzir estudantes que tenham sucesso no mundo do materialismo que desenvolvemos. Assim, o foco no sucesso é definido pelo sucesso financeiro e pela continuação da competição entre indivíduos.

Na educação da alma há um abandono desses modelos de sucesso, acompanhado pela compreensão crescente e pela aceitação da necessidade de realização do eu. Dar e receber são de importância vital neste modelo. A alma torna-se a expressão, sabendo que se está a revelar e a oferecer um propósito individualizado.

A Consciência Superior está a apelar para nos lembrarmos do verdadeiro propósito de vida. A Consciência Superior já não quer apenas funcionar num nível pessoal integrado. A Consciência Superior está a apelar-nos para uma compreensão maior. Estamos a ser convidados a encontrar uma valorização profunda da diversidade e, ainda, a perceber e a integrar o facto de um todo maior ser constituído pela soma de todas as partes. Somos a família do homem. Somos a Humanidade Una. As nossas vidas devem envolver justiça e sustentabilidade.

O Serviço Mundial é a manifestação exterior da compreensão interior de todos sermos Um. Quando encontro o outro, estou a encontrar o eu. Quando encontro o eu, tenho dívida ao outro. Se não me sentir diminuído e receoso por não ter, dou e recebo e estou em equilíbrio com o apelo da Natureza. Com isso, tornamo-nos colectivamente construtores da nova cultura... a Cultura de Paz.

Durante a Década para a Cultura de Paz e Não-Violência, 2000-2010, foi escrito um Manifesto apoiado por todos os Laureados vivos do Nobel e pela UNESCO, e

patrocinado por uma resolução da ONU. Os princípios são: Respeitar Toda a Vida, Rejeitar a Violência, Partilhar Com os Outros, Preservar o Planeta e Redescobrir a Solidariedade. Estas são apenas palavras e agora cada um de nós deve converter estas palavras em acção.

Os educadores estão a perceber que a educação precisa de construir a cultura que unifique a humanidade. Já não é realista imitar o que chegou antes de nós. Precisamos de nos retirar e, como uma família humana una baseada nas ideias consagradas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, construir colectivamente um sistema unitivo.

Como educadores, devemos aprender a chegar à consciência do aluno — tocar esse núcleo tão interior que existe para além da dor e do prazer e está em estado de *ser*. Esse núcleo não precisa de cultivar a auto-estima — nem precisa de mais informação sobre as regras de como viver eticamente. Sabe dentro de si que a vida é sagrada. Conhece o seu eu como total e completo. Este eu evoluído, muitas vezes chamado de Alma, ama e partilha e, com o serviço aos outros, ousa viver uma vida de significado.

A Educação da Alma consiste na busca do espírito no seio do eu para potenciar toda a aprendizagem. Esta jornada da consciência promove conhecimento intuitivo e autoconsciência. A sensação de se sentir unido e completo permite então que cada indivíduo se integre com os outros. O processo de sabedoria pessoal infundida, que atinge a consciência histórica, corresponde à compreensão de aprendizagem para o significado.

A Educação da Alma é um processo de busca da alma — olhando interiormente para alcançar o exterior — onde tipicamente não existe competição e o outro é tão valorizado quanto o eu. O indivíduo sente a importância de toda a vida. A ética e os valores que emergem são as leis universais da vida. Esses universais são ditames que existem em todas as culturas e nos mostram que somos uma família humana una.

Essas Leis Universais dizem-nos que todas as coisas viventes estão vivas e têm espírito. Espírito é a consciência disponível para ser acedida. Toda a vida está assim interligada. Cada acção que assumimos tem ondulações infinitas nessa rede de vida. A consciência está a ficar ciente desta lei do Uno. O amor é a interligação de tudo o que existe, enquanto o medo é a separação humana que é aprendida. Amor é a Lei. O Espírito conecta. Educar é criar isto.

A ética de viver como um ser humano justo, compassivo e amoroso é um resultado intrínseco desta busca interior. A Declaração Universal dos Direitos Humanos lista estas Éticas para toda a Humanidade. A Declaração de Fuji dá mais um passo adiante como subscritores: Afirmar a Luz da Consciência; Comprometer-se com a Paz e a Viver e Agir em Nome de Todos; e Esforçar-se para Libertar o Espírito Humano, e Avançar a Civilização Humana Harmoniosa.

A Educação da Alma, para esta Nova Era de Paz emergente, requer muitas novas técnicas úteis, incluindo: processos de visualização para perguntar a si mesmo "quem sou eu?"; e ensinar em múltiplos grupos que vão além das barreiras tradicionais de idade e reconhecer que a idade é apenas uma construção preconceituosa de desenvolvimento intelectual... que uma alma não tem idade.

Depois há o conceito de Aprendizagem Altruísta que implica aprender a fazer o outro feliz é servir realmente as próprias necessidades. Há a Aprendizagem Reflectiva que pede ao aluno que faça as perguntas ao eu, ao invés de reafirmar o que um professor disse. Deste modo, o professor é mais facilitador do que instrutor. A Aprendizagem Experiencial torna-se muito importante à medida que o aluno experimenta, analisa e incorpora o significado para construir o eu e reflectir sobre o Eu ao nível do Eu. Além disso, é importante pensar em termos de Aprendizagem de Sistemas, o que significa



não estar tão focado nos detalhes, mas sim ver o todo e entender como as coisas funcionam. Ensina-mos actualmente imensos factos isolados, aos quais a mente se deve ligar sem que os factos tenham relevância pessoal real. Mas se pensarmos como a vida funciona de facto, numa totalidade, então começamos a ver as partes como parte de um todo e de um sistema em desenvolvimento. Os Seres Humanos desenvolvem então um sentido da história maior da vida. Finalmente, a Aprendizagem Transpessoal é uma metodologia que pede ao indivíduo para transformar e ir além do que é o momento no pensar presente dando o passo para o potencial de aprendizagem; para Transcender a Aprendizagem que abrange o todo visto de cima.

*Dra. Nina Meyerhof é Presidente e Fundadora da Children of the Earth (Crianças da Terra), uma organização sem fins lucrativos que oferece programas em todo o mundo, inspirando e unindo os jovens através da transformação pessoal e social para contribuir para a criação de um mundo pacífico e sustentável.*



#### CRÉDITOS DE IMAGEM:

Capa: Gunnar Gestur Geirmundsson (<http://bit.ly/2kUYhz4>)

Última página: Trey Ratcliff (<http://stuckincustoms.smug.com>)

### AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES HUMANAS CORRECTAS

A Boa Vontade Mundial é um movimento internacional que auxilia na mobilização da energia de boa vontade e no estabelecimento de relações humanas correctas. Foi fundado em 1932 como actividade de serviço da Lucis Trust.

A Lucis Trust é uma corporação de caridade educacional sem fins lucrativos e isenta de impostos e

na Suíça encontra-se registada como associação sem fins lucrativos. A Boa Vontade Mundial é reconhecida pelas Nações Unidas como Organização Não-Governamental e é representada em sessões de esclarecimento regulares que têm lugar na sede das Nações Unidas. A Lucis Trust encontra-se incluída na Lista Oficial do Conselho Social e Económico das Nações Unidas.

O Boletim da Boa Vontade Mundial é publicado quatro vezes por ano. Salvo indicação em contrário, todos os artigos são da autoria dos membros da Boa Vontade Mundial. Aceitam-se pedidos para o fornecimento de cópias para distribuição. O Boletim encontra-se também disponível em: alemão, dinamarquês, espanhol, francês, grego, holandês, inglês, italiano, russo e sueco.

*O trabalho da Boa Vontade Mundial é financiado por donativos, não havendo por isso um preço estabelecido para o Boletim; contudo, qualquer contribuição que possa desejar fazer é muito bem-vinda.*

3 Whitehall Court  
Suite 54  
London SW1A 2EF  
UK  
Email: [worldgoodwill.uk@lucistrust.org](mailto:worldgoodwill.uk@lucistrust.org)

Rue du Stand 40  
Case Postale 5323  
1211 Genève 11  
SUISSE  
Email: [geneva@lucistrust.org](mailto:geneva@lucistrust.org)

120 Wall Street  
24th Floor  
New York NY10005  
USA  
Email: [worldgoodwill.us@lucistrust.org](mailto:worldgoodwill.us@lucistrust.org)

Este Boletim é publicado e distribuído em Portugal, sob autorização de Worldgoodwill, por GEM - Grupo de Estudos Maitreya  
Rua Carlos Mardel, nº57 - 1º Dto. | 1900-118 Lisboa | Portugal • Web: [www.gem.org.pt](http://www.gem.org.pt) | Email: [lux.gem\\_org\\_pt@yahoo.com](mailto:lux.gem_org_pt@yahoo.com)